

Rui Miguel Ventura do Couto Tavares de Faria

Encontrei "outro Mar" com Cecília Meireles

Itinerarios. Revista de estudios lingüísticos, literarios, históricos y
antropológicos nr 7, 77-87

2008

Artykuł został opracowany do udostępnienia w internecie przez Muzeum Historii Polski w ramach prac podejmowanych na rzecz zapewnienia otwartego, powszechnego i trwałego dostępu do polskiego dorobku naukowego i kulturalnego. Artykuł jest umieszczony w kolekcji cyfrowej bazhum.muzhp.pl, gromadzącej zawartość polskich czasopism humanistycznych i społecznych.

Tekst jest udostępniony do wykorzystania w ramach
dozwolonego użytku.

Rui Miguel Ventura do Couto Tavares de Faria

ENCONTREI “OUTRO MAR” COM CECÍLIA MEIRELES

Resumo: A dimensão mística e metafórica que Cecília Meireles atribui ao mar distingue-a no universo poético da literatura luso-brasileira. Uma leitura atenta do poema “Mar Absoluto”, e de outros textos incluídos na obra com o mesmo título, leva-nos a sugerir várias leituras acerca da metamorfose que se opera entre a poetisa, o mar e a poesia. Esta tríade constitui o fio condutor do artigo “Encontrei «outro Mar» com Cecília Meireles”.

Tema presente na literatura, o mar ultrapassa, na obra desta ilustre poetisa brasileira, a barreira do real e transfigura-se no absoluto da poesia. Poesia plástica, fluida e disponível é o conceito da liberdade solitária que leva Cecília ao seu interior, numa introspecção assente na projecção do passado no presente, como antecipação do futuro.

Palavras-Chave: poesia, poetisa, mar, absoluto, ilusão, solidão, reino de metamorfose

Title: I’ve Found «Another Sea» with Cecília Meireles

Abstract: The Sea gains a mystical and metaphorical dimension according to Cecília Meireles, fact that is almost unique in the universe of Luso-Brazilian Poetry. An attentive reading of the poem “Mar Absoluto”, and of other poems in the poetical novel with that same title suggests many interpretations about the metamorphose that occurs between the poet, the sea and the poetry. This metamorphose is the main idea followed in this article.

As it is a common subject in literature, the sea in this Brazilian poet’s novel crosses the border of real and turns into the concept of absolute poetry. Plastic, fluid and available, this „new” poetry is a loneliness freedom which leads Cecília to her inside, in a sort of introspection based on the projection of the past into the present as an anticipation of the future itself.

Key Words: poetry, poet, sea, absolute, illusion, loneliness, kingdom of metamorphose

1. INTRODUZIR O MAR

O mar tem um lugar bastante importante na literatura e, quando nos referimos a literatura, fazemo-lo no seu sentido universal. O mar é tema, assunto, objecto, agente, é o mar na sua imensidão física desde as primeiras manifestações literárias.

Na literatura luso-brasileira, o mar ocupa, também, uma posição considerável, mais não fosse pela simples razão de Portugal e o Brasil terem uma costa geográfica litoral bastante significativa, ou, então, pelo facto de ter sido o mar o caminho percorrido pelos portugueses para se irmanarem aos brasileiros. Muitas hipóteses poderiam ser apontadas, mas, à semelhança da ilustre poetisa brasileira Cecília Meireles, pretendemos abordar um mar que não é apenas o imenso oceano, é um mar absoluto, o do mundo da poesia.

Com efeito, depois de uma leitura atenta do poema “Mar Absoluto”, de Cecília Meireles, a seguir transcrito, apercebemo-nos da dimensão e do valor que esta poetisa atribui ao mar. Talvez por ter tido avós açorianos que atravessaram o longo oceano para começar uma vida nova no Brasil, talvez por ela própria ter vivido perto do mar e com o mar, Cecília entoou um autêntico hino marítimo. Ela transforma o mar, metamorfoseando-o no mundo da sua poesia.

Na verdade, a sua originalidade e conseqüente genialidade residem na forma como ela se identifica com o mar, no desejo de se converter na sua imensidão, sentindo-se destinada a encontrar nele os seus mortos. Esta abordagem faz de Cecília uma espécie de pioneira e mentora de outros poetas, designadamente o açoriano Vitorino Nemésio e a ilustre poetisa Sophia de Mello Breyner Andresen.

“Mar Absoluto” não é um poema que pertence a uma fase iniciática de Cecília no mundo da poesia, é um texto que evidencia a sua maturidade, não só poética, mas também pessoal. Assim sendo, apesar de ser um poema único na sua vasta obra poética, “Mar Absoluto” apresenta-se destacando o seu próprio qualificativo: “Absoluto”. Entendido como metáfora da própria poesia, este mar – que a faz sentir-se “plácida” e “livre” – é o sinónimo da sua alma poética.

“Mar Absoluto” (1945)

Foi desde sempre o mar.
E multidões passadas me empurravam
como o barco esquecido.

Agora recordo que falavam
da revolta dos ventos,
de linhos, de cordas, de ferros,
de sereias dadas à costa.

E o rosto de meus avós estava caído
pelos mares do Oriente, com seus corais e pérolas,
e pelos mares do Norte, duros de gelo.

Então, é comigo que falam,
sou eu que devo ir.
Porque não há mais ninguém,
não, não haverá mais ninguém,
tão decidido a amar e a obedecer a seus mortos.

E tenho de procurar meus tios remotos afogados.
Tenho de levar-lhes redes de rezas,
campos convertidos em velas,
barcas sobrenaturais
com peixes mensageiros
e santos náuticos.

E fico tonta,
Acordada de repente nas praias tumultuosas.
E apressam-me, e não me deixam sequer mirar a rosa-dos-ventos.

“Para adiante! Pelo mar largo!
Livrando o corpo da lição frágil da areia!
Ao mar! – Disciplina humana para a empresa da vida!”

Meu sangue entende-se com essas vozes poderosas.
A solidez da terra, monótona,
parece-nos fraca ilusão.
Queremos ilusão grande do mar,
multiplicada em suas malhas de perigo.

Queremos a sua solidão robusta,
uma solidão para todos os lados,
uma ausência humana que se opõe ao mesquinho formigar do mundo,
e faz o tempo inteiriço, livre das lutas de cada dia.

O alento heróico do mar tem seu pólo secreto,
que os homens sentem, seduzidos e medrosos.

O mar é só mar, desprovido de apegos,
matando-se e recuperando-se,
correndo como um touro azul por sua própria sombra,
e arremetendo com bravura contra ninguém,
e sendo depois a pura sombra de si mesmo,
por si mesmo vencido. É o seu grande exercício.

Não precisa do destino fixo da terra,
ele que, ao mesmo tempo,
é o dançarino e a sua dança.

Tem um reino de metamorfose, para experiência:
seu corpo é o seu próprio jogo,

e sua eternidade lúdica
não apenas gratuita: mas perfeita.

Baralha seus altos contrastes:
cavalo épico, anêmona suave,
entrega-se todo, despreza tudo,
sustenta no seu próprio ritmo
jardins, estrelas, caudas, antenas, olhos,
mas é desfolhado, cego, nu, dono apenas de si,
da sua terminante grandeza despojada.

Não se esquece que é água, ao desdobrar suas visões:
água de todas as possibilidades,
mas sem fraqueza nenhuma.

E assim como água fala-me.
Atira-me búzios, como lembrança de sua voz,
e estrelas eriçadas, como convite ao meu destino.

Não me chama para que siga por cima dele,
nem por dentro de si:
mas para que me converta nele mesmo. É o seu máximo dom.

Não me quer arrastar como meus tios outrora,
nem lentamente conduzida,
como meus avós, de serenos olhos certos.

Aceita-me apenas convertida em sua natureza:
plástica, fluida, disponível,
igual a ele, em constante solilóquio,
sem exigências de princípio e fim,
desprendida de terra e céu.

E eu, que viera cautelosa,
por procurar gente passada,
suspeito que me enganei
que há ordens, que não foram bem ouvidas;
que uma outra boca falava: não somente a de antigos mortos,
e o mar a que mandam não é apenas este mar.

Não é apenas este mar que reboia nas minhas vidraças,
mas outro, que se parece com ele
como se parecem os vultos dos sonhos dormidos.
E entre água e estrela estudo a solidão.

E recordo minha herança de cordas e âncoras,
E encontro todo sobre-humano.

E este mar visível levanta para mim
Uma face espantosa.

E retrai-se, ao dizer-me o que preciso.
É logo uma pequena concha fervilhante,
nódoa líquida e instável,
célula azul sumindo-se
no reino de um outro mar:
ah! Do Mar Absoluto.

(Meireles 1994: 265-268)

2. “MAR ABSOLUTO”: A HERANÇA

As primeiras oito estrofes do poema “Mar Absoluto” levam-nos a penetrar na vida de Cecília e remetem-nos para a reflexão da herança que a poetisa recebeu. Não se trata, com certeza, de uma herança material, mas sim de um legado espiritual que ela respeitou e intuiu, tendo-o tomado como padrão de vida interior.

Na verdade, a poetisa sente-se forçada e fadada para comungar com o mar. É como ela própria afirma: “E multidões passadas me empurravam...”, “sou eu que devo ir. /Porque não há mais ninguém.”. De “multidões” para “ninguém” assiste-se a uma espécie de afunilamento que não deixa escolha a Cecília. Essa escolha, porém, não é contrariada, é decidida, pois a poetisa obedece ao desejo e ao chamamento das “multidões passadas”: os “seus mortos”.

As multidões passadas particularizam-se no “rosto” dos seus avós, os quais emigraram da ilha de São Miguel, Açores, para o Brasil, levando com eles toda uma insularidade que Cecília vai herdar. Apesar de não ter nascido numa ilha, a poetisa vive a insularidade, não como uma condição real, mas que deve ser entendida como uma condição interior. Ela sente-se ilha, mais não seja por ter convivido durante vários anos com a sua avó açoriana¹.

Contudo, não podemos deixar de relacionar essa insularidade com o simbolismo, pois Cecília é uma poetisa modernista de raiz simbolista. A presença, no campo estilístico, de sinestésias, como em “mares do Norte, duros de gelo” e “não me deixam sequer mirar a rosa-dos-ventos”, e de aliteraões, como se verifica na segunda e oitava estrofes, confirmam a estética simbolista. Todavia, Cecília não se restringe a uma estética apenas. Em “Mar Absoluto”, convergem várias estéticas, o que confere um carácter abrangente e universal à sua obra.

Neste primeiro momento do longo poema “Mar Absoluto”, esta abrangência e universalidade verificam-se numa espécie de antecipação do passado ou, se quisermos, da projecção do presente no futuro. No presente evocado, a poetisa sente o peso da sua he-

¹ Darcy Damasceno, na nota biográfica de Cecília Meireles que consta de *Poesia Completa*, publicada pela Editora Nova Aguilar, no Rio de Janeiro, em 1994, afirma que “a avó materna, D. Jacinta Garcia Benevides, de origem açoriana, ficou responsável pela tutela da menina, pois foi a única pessoa sobrevivente da família, depois da morte prematura dos pais”.

rança: “E tenho de...”. Esta obrigação é a de garantir, pelo passado, o seu próprio futuro. E ela presente-o, é ao mar que se entrega – “Ao mar! – Disciplina humana para a empresa da vida!”.

Com efeito, o mar marcou-a desde e para todo o sempre. David Mourão-Ferreira não hesitou em assinalar que a poesia de Cecília passa “pela irresistível tentação do Mar e pela necessidade de cumprir, em relação ao passado, uma sobrenatural obrigação, um secular compromisso.” A herança do mar é, então, em Cecília, o apego à insularidade do passado e a obrigação sobrenatural do presente, ambos convertidos e comprometidos *ad aeternum*, é a dinâmica da vida. Cecília Meireles assim se fadou: “Sou entre flor e nuvem,/ estrela e mar”.

3. “MAR ABSOLUTO”: A ILUSÃO E A SOLIDÃO

Tal é a herança do passado que empurra Cecília para o mar, o qual se torna, no seu universo poético e pessoal, propício à ilusão, por um lado, e à solidão e isolamento, por outro. Quando, na oitava estrofe, a poetisa afirma peremptoriamente “Queremos a ilusão grande do mar”, ela assume uma voz colectiva e entra num mundo ora real, ora irreal. E até à décima quinta estrofe ela mantém a posição do poeta solitário que busca na ilusão do mar “uma ausência humana que se opõe ao mesquinho formigar do mundo”.

Na verdade, Cecília foge do mundo e entrega-se, segundo as suas próprias palavras, a uma “solidão robusta, uma solidão para todos os lados” para, assim, se livrar “das lutas de cada dia”. Neste sentido, a solidão ganha um significado diferente: permite que se encontre consigo própria, é sinónimo de paz e de harmonia.

E da mesma forma deve ser entendida a ilusão, isto é, para Cecília, o mar não a ilude no sentido pejorativo que o termo “ilusão” por vezes acarreta, é uma ilusão que lhe permite levantar “como um puro espírito, nos seus transe de inspiração, na linha demarcadora que limita o consciente objectivo e o sensitivo inconsciente lírico, místico e imaterial. É esta instabilidade entre os dois mundos que forma a constância do mistério da sua poesia” (Picchia 1994: 58). Assim, a ilusão remete para a transfiguração do mar real, tornando-o num “reino de metamorfose”, como refere o sujeito poético, onde corre “como um touro azul por sua própria sombra”, “é o dançarino e a sua dança”. Paralelamente, é “cavalo épico, anêmona suave [...] mas é desfolhado, cego, nu, dono apenas de si, da sua terminante grandeza despojada”.

É esse despojamento e esse ser dono apenas de si que Cecília preconiza para a vivência da solidão, além da ilusão. Ela é ilha porque traz uma herança que é uma insularidade não vivida, nem experienciada, e porque pretende isolar-se numa solidão que é só dela, alimentando-se da bonita ilusão de se converter na “grandeza despojada” do mar.

A ilusão e a solidão lançadas no “Mar Absoluto” confirmam, concomitantemente, as palavras de Nuno Sampaio quando ele sustenta que “a grande poetisa brasileira não utiliza a abstracção filosófica ou a força do pensamento, mas, talvez mais espontaneamente, atinge o seu objectivo superando a essência lírica, pura e inata, que lhe corresponde. Identifica-se com as substâncias de natureza semelhante e procura as da natureza

transcendente que a conduzirão, através do êxtase lírico, ao absoluto definitivo. Cecília Meireles prefere o mar ao lago, a coisa ascendente à coisa permanente, a estrela à serra: o ritmo calmo dos seus poemas modifica-se à medida que o êxtase cresce nos últimos versos, “já possuída”, perde-se, esquece-se, identifica-se e transcende. Assim se compreende como Cecília busca a ilusão na transcendência do absoluto e a solidão na imensidão do mar.

4. “MAR ABSOLUTO”: NO “REINO DA METAMORFOSE”

A partir da décima sexta estrofe do poema, intensifica-se e concretiza-se a sugestão que perpassa todo o texto: o mar absoluto é a metáfora de uma poesia absoluta. O mar evocado por Cecília ganha uma dimensão mística, conseguida pela constante exaltação de ele ser a essência de toda a existência.

Assim sendo, o mar visível e concreto passa a ser um “pretexto para entrar «no reino da metamorfose»” (Gouveia 1984: 485), “livrando o corpo da lição frágil da areia!”. Como escreve a poetisa, o mar que ela canta “não é apenas este mar que reboia nas minhas vidraças, / mas outro, que se parece com ele”. E é a partir deste conceito que atribui ao mar que Cecília vai dar uma nova dimensão à sua poesia, que, tal como o mar, “não precisa do destino fixo da terra” e tem, também, “um reino de metamorfose”, desligado de qualquer forma fixa. Opera-se a metamorfose.

“Não me chama para que siga por cima dele, / nem por dentro de si: mas para que me converta nele mesmo”. Terá de ser por esse “reino” – que será tanto o mar como a própria poesia – que a poetisa iniciará a sua “navegação”. Tal como os peixes vivem no mar, o seu habitat natural, Cecília, ao assumir-se como poetisa que busca o Absoluto, depara-se com as exigências de uma poesia que, como o mar, aceita “apenas convertida em sua natureza: plástica, fluida, disponível, / igual a [ela], em constante solilóquio, sem exigências de princípio e fim, / desprendida...”.

Assim, o sujeito poético identifica-se com o mar como uma forma de ele próprio se dissolver, de se libertar de tudo quanto o possa prender (“desprendida”) ou fixar à matéria. “Se em Mar Absoluto o poeta se identifica com o mar é porque dele tira traços do seu perfil aéreo: “solidão robusta” que faz o “tempo inteiriço”, o ser “sem apegos, / matando-se e recuperando-se”, sem “destino fixo na terra”, ao mesmo tempo o criador e o criado (“dançarino e sua dança”) no seu próprio “reino de metamorfose” (Gouveia 1993: 261), a sua “poesia Absoluta”.

É mais notoriamente no poema “Beira-Mar” que se evidencia essa conversão, essa identificação da poeta com o mar:

Sou moradora das areias,
de altas espumas: os navios
passam pelas minhas janelas
como o sangue nas minhas veias,

porque isto é o mal de família,
 ser de areias, de água, de ilha...
 E até sem barco navega
 quem para o mar foi fadada. (Meireles 1968: 71)

A repetição, por duas vezes, do verbo «ser» (na primeira pessoa do singular – “sou” – e no infinitivo presente – “ser de areia...”) vem precisamente comprovar e reforçar a união da poetisa com o mar. É uma união “fadada”, à qual Cecília não pôde escapar. Terá sido, de facto, “mal de família”, ou não será, antes, o destino do próprio e qualquer poeta: o de se identificar com a sua poesia?

Também em “Inscrição” Cecília se reconhece em elementos da natureza, se bem que de maneira diferente: “Sou entre flor e nuvem, / estrela e mar”, mas não especifica com qual deles se identifica na realidade, oscila. Esta oscilação deve-se ao facto de ela ter consciência de que o “[seu] destino é mais longe e [seu] passo mais rápido”.

Neste sentido, somos levados a questionar o quão “longe” poderá ser esse “destino” do poeta, será o do tal “Mar Absoluto”? Se assim for, a oscilação entre “flor e nuvem”, / estrela e mar” é justa, não há uma identificação restrita, porque qualquer um desses elementos é físico, natural e concreto; o “mar” aí referido não é o mar detentor de uma dimensão metafísica que a poetisa transcendentaliza, não é o “Mar Absoluto” em que se converte totalmente, como já o tinha afirmado: “E o mar a que me mandam não é apenas este mar...”.

Deste modo, “levada pela sensibilidade, Cecília atinge um fundo permanente, a imagem de uma substância comum a todas as coisas, um dissolvente cósmico subjectivo em que as personalidades continuamente se figuram e se identificam: mar absoluto.” (Cunha Leão 1968: 182). É convertida nessa “substância comum a todas as coisas”, nesse “dissolvente cósmico subjectivo”, que a poetisa busca o Absoluto a todo o custo. A identificação com esse mar mostra quanto é ansiado um absoluto metafísico para a sua poesia: “Não me chama para que siga por cima dele, / nem por dentro de si: mas para que me converta nele mesmo.”

Como podemos ver, Cecília não procura atingir o seu objectivo poético recorrendo às abstrações de uma filosofia ou apoiando-se na força do seu pensamento, pois “identifica-se com as substâncias de natureza semelhante e procura as da natureza transcendente que [a] conduzirão, através do êxtase lírico, ao absoluto definitivo” (Sampaio 1994: 60).

5. “MAR ABSOLUTO”: RUMO A UMA ESTÉTICA “PLÁSTICA, FLUIDA E DISPONÍVEL”

“Aceita-me apenas convertida em sua natureza: plástica, fluida, disponível...”. Convertida na natureza marítima, “plástica, fluida, disponível, [...] em constante solilóquio, sem exigências de princípio e fim”, a poetisa vai criar uma linguagem poética, onde vai predominar a plasticidade, a fluidez, a disponibilidade, o constante solilóquio e a ausência de quaisquer exigências, características de uma natureza desejada, que preconiza o Absoluto: o Mar.

Assim, pretendemos elucidar, uma a uma, essas características da linguagem poética em *Mar Absoluto*. Percorrendo outros poemas que compõem essa obra, para além do texto com o mesmo título, a vertente “plástica” é, talvez, a que mais se destaca. O predomínio das cores, conseguido por um recurso a elementos da natureza não só marítima, permite-nos evidenciar esta “plasticidade”. No poema “Caramujo do mar”, os elementos referidos apelam-nos fortemente para o sentido da visão:

Caramujo do mar, caramujo,
nas areias seco e sujo

“Fui rosa das ondas, da lua e da aurora,
e aqui estou nas areias, cujo
pó vai gastando meu dourado flanco,
sem azuis e espumas, agora”.

(Meireles 1994: 285-286)

Os substantivos “caramujo”, “mar”, “areias”, “rosa”, “ondas”, “lua”, “aurora”, “pó”, “flanco” e “espumas”, ao lado dos adjectivos “sujo”, “dourado” e “azuis”, realçam esta plasticidade da linguagem poética em *Mar Absoluto*. A abundância dos substantivos surge em auxílio desta visão plástica que se pretende que tenha a poesia de Cecília. Para além disso, a evocação de um espaço como o mar ou a praia (“areias”) já seria suficiente para criar impressões visuais no leitor que nem disso se apercebesse. Será, pois, resultado desta conversão, desta total identificação da poetisa com o mar, essa plasticidade que achamos ser inconsciente, natural, fluida.

A par desta dimensão plástica da linguagem, a fluidez é outra característica a ter em conta na análise da poesia de Cecília. A ausência de exigências formais parece servir esta fluidez poética “como uma luva”. Para que os seus versos sejam fluidos como a própria água do mar, ela “não cultiva o verso uniforme nem é estritamente fiel a formas clássicas ou mesmo a uma organização interna codificada. Não age por padrões imperativos mas por um imperativo de sensibilidade que quer deixar o pensamento em liberdade, feito ritmo” (Gouveia 1993: 267). E é, pois, essa fluidez que torna a sua poesia disponível e livre:

Com que doçura esta brisa penteia
a verde seda fina do arrozal –
Nem cílios, nem pluma, nem lume de lânguida
Lua, nem o suspiro do cristal.²

(Meireles 1968: 65-66)

A métrica irregular, a ausência da rima, a aliteração em [l] (“arrozal”, “cílios”, “pluma”, “lume”, “lânguida”, “lua”, “cristal”), a enumeração (terceiro e quarto versos), a pontuação, uma única forma verbal, exemplificam, de forma notável, a fluidez e o carácter disponível da poesia de Cecília. Numa linguagem simples, dotada de uma certa musica-

² “Madrugado no campo”.

lidade e de um certo ritmo, o poeta consegue reproduzir a “Madrugada no campo”: uma madrugada amena, doce e igualmente fluida como o é a própria poesia de Cecília.

6. ALGUMAS CONCLUSÕES E REFLEXÕES

Depois de terem sido traçadas algumas linhas de análise do longo poema “Mar Absoluto”, chegamos a duas conclusões óbvias: em primeiro lugar, a importância do elemento *mar* na Literatura de Expressão em Língua Portuguesa, decorrente do grande valor que o mesmo elemento tem na Literatura Portuguesa, desde os primórdios; em segundo lugar, a dimensão autobiográfica que percorre todo o poema. Na verdade, neta de avós açorianos que abandonaram as ilhas rumo ao Brasil, Cecília desde cedo contactou com a realidade marítima nas suas diversas acepções: o mar como caminho, como ponto de partida e ponto de chegada, o mar como elo de (des)união entre as gentes, o mar como elemento imenso, ora manso ora revoltado, o mar absoluto. Assim se compreende a sua paixão pelo mar, uma paixão que, como se pode ver no poema “Mar Absoluto”, não tem dimensão real; e assim se entende, também, o desejo de haver uma identificação entre o mar, a poesia e a poetisa, não fosse pela necessidade de ela, Cecília, se sentir aceite apenas convertida na natureza daquele elemento maior: o mar.

Paralelamente, e tal como se referenciou no início do texto, a presença do mar na lírica portuguesa reforça a genuinidade da literatura portuguesa: uma literatura para o mar, com o mar e pelo mar. Não fosse essa a razão pela qual as primeiras manifestações literárias da península abordassem e exaltassem esse elemento, como são exemplo as Cantigas de Amigo galaico-portuguesas (barcarolas ou marinhas), as narrativas de viagens dos séculos XV e XVI, até se culminar na grande epopeia marítima de *Os Lusíadas*. Pretendemos com estas analogias reforçar o papel que o mar teve na Literatura Portuguesa ao longo de quase dez séculos. E se marcou os primórdios, ainda hoje, na nossa literatura contemporânea, marca e percorre a obra de vários autores e poetas, tais como Miguel Torga, Vitorino Nemésio e Sophia de Mello Breyner Andresen, a “Cecília Meireles portuguesa”, como alguns lhe chamaram, dadas as proximidades temáticas cantadas por ambas nas suas obras poéticas. De facto, um estudo comparativo entre estas duas poetisas enriqueceria, certamente, os laços de uma lusofonia que se quer cada vez mais sólida, mesmo que as suas vozes ecoem de continentes diferentes, divididos e unidos por um mar, pelo mar.

BIBLIOGRAFIA

- CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain (1982) *Dicionário dos Símbolos*. Lisboa, Editorial Teorema.
- COSTA, J. Almeida e MELO, A. Sampaio (1993) *Dicionário da Língua Portuguesa*, Porto, Porto Editora.

- GOUVEIA, Maria Margarida de Maia (1984) “Cecília Meireles e Vitorino Nemésio: o sentimento do mar e da solidão”. Em: AA. VV. *Actas do X Encontro de Professores Universitários Brasileiros de Literatura Portuguesa. I Colóquio Luso-Brasileiro de Professores Universitários de Literaturas de Expressão Portuguesa*. Lisboa, Instituto de Cultura Brasileira: 475-491.
- (1993) *Cecília Meireles. Uma Poética do “Eterno Instante”*. Ponta Delgada, Universidade dos Açores.
- LEÃO, Francisco da Cunha (1968) “Um caso de Poesia Absoluta”. Em: Cecília Meireles, *Antologia Poética*. Lisboa, Guimarães Editores: 180-185.
- MEIRELES, Cecília (1968) *Antologia Poética*. Lisboa, Guimarães Editores.
- (1994) *Poesia Completa*. Rio de Janeiro, Nova Aguilar.
- MOURÃO-FERREIRA, David (1969) “Cecília Meireles”. Em: Jacinto do Prado Coelho (coord.) *Dicionário de Literatura*. Porto, Figueirinhas: 618.
- (1981) “Motivos e temas na poesia de Cecília Meireles”. Em: *Hospital das Letras*. Lisboa, Imprensa Nacional da Casa da Moeda: 155-166.
- (1988) “Cecília Meireles”. Em: *As Folhas de Poesia. Távola Redonda*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian: 69.
- PICCHIA, Menotti del (1994) “O Inconsciente na Poesia”. Em: Cecília Meireles, *Poesia Completa*. Rio de Janeiro, Nova Aguilar: 50-67.
- PICCHIO, Luciana Stegagno (1997) “A poesia atemporal de Cecília Meireles”. Em: *História da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro, Nova Aguilar: 558-662.
- SAMPAIO, Nuno (1994) “O misticismo lírico”. Em: Cecília Meireles, *Poesia Completa*. Rio de Janeiro, Nova Aguilar: 55-68.
- SENA, Jorge de (1988) “Mar Absoluto”. Em: *Estudos de Cultura e Literatura Brasileira*. Lisboa, Edições 70: 19-21.